

A Pré-Escola em Questão

Ana Beatriz Cerizara*

RESUMO:

O artigo pretende, a partir da análise de alguns aspectos da Pré-Escola, levantar questões para a ampliação do debate sobre esse tão interessante e necessário nível de ensino. Destaca as tendências e métodos utilizados no pré, e o papel deles no contexto educacional, tenta traçar o perfil psicológico da criança de 0 a 6 anos e a evolução do seu pensamento: e, esboça o perfil do professor da pré-escola, quem é, formação que possui e papéis que desempenha.

0 Muito se tem debatido e escrito sobre os mais variados aspectos da Pré-Escola: Questões são levantadas sobre sua validade, faixa etária a que se destina, importância do ponto de vista emocional, nutricional e cognitivo; finalidade, métodos utilizados enfim há uma constante preocupação com este recente (nem tanto assim!) nível de ensino.

E tanto mais se pergunta, na medida em que dia após dia, surgem creches e jardins de infância da rede particular com as mais diferentes orientações e metodologias (quando não aparecem alguns sem orientação alguma, mas somente pessoas que dizem ter "boa vontade e gostarem de crianças" ...), assim como uma repentina valorização do ensino pré-escolar por parte do Estado.

Parece portanto, que ainda não existe um consenso sobre o que deve ser a pré-escola. Muito menos sobre a criança, suas características e necessidades e o professor que atua neste nível.

Neste artigo tentaremos fazer uma análise da Pré-escola, a partir de observações do seu dia a dia, a fim de que possamos refletir sobre a criança que pretendemos atender e a nossa prática pedagógica.

Desde o início da década de setenta e se firmando nos últimos 7 anos, o Estado encampou a causa do Pré-Escolar, a partir de uma orientação do

* Professora do Centro de Ciências da Educação (Departamento de Metodologia de Ensino) da Universidade Federal de Santa Catarina.

ensino, onde a educação escolar é vista como investimento necessário a um tipo de desenvolvimento econômico que supostamente beneficiará a todos. "Cabe a pré-escola colaborar na formação de recursos humanos, de capital humano, pois à medida em que o país se desenvolve como sociedade industrial capitalista, à medida em que a indústria se desenvolve e toma o lugar do modelo econômico agro-exportador, é necessário ampliar a faixa consumidora, ampliar a mão-de-obra qualificada e criar um clima favorável ao congelamento salarial, criando condições político-sociais que sustentem a nova ordem". (M^{te}Helena Patto, 1983).

Mas a escola, chamada a cumprir o seu papel de qualificação, uma vez que é considerada importante aparato de controle ideológico e de qualificação de mão-de-obra, em pouco tempo constata a sua incapacidade em cumprir seu papel de qualificar e sujeitar, buscando-se, então, solução para as dificuldades do ensino primário, no ensino pré-primário.

Por outro lado, há uma crescente absorção da força de trabalho feminina, tornando-se necessário o atendimento das crianças de 0 a 6 anos.

Maria Malta Campos, ao analisar este momento político educacional afirma: "De esquecido e ignorado, o pré-escolar foi repentinamente colocado sob os holofotes de educadores, sanitaristas, assistentes sociais, jornalistas e autoridades (...) de tal maneira que hoje é possível identificar no discurso e na movimentação que gira em torno deste tema (...) algo que já se tornou um mito: o mito do atendimento ao pré-escolar, considerado como solução de todos os males, compensadora de todas as deficiências educacionais, nutricionais e culturais de uma população. Enfim, a panacéia universal" (1979,p.53).

A PRÉ-ESCOLA

1. Tendências

A Pré-Escola que surgiu daí, evidencia duas grandes tendências: a do treinamento das crianças que ingressam na 1^asérie, sem que se questione seu currículo e metodologias; de outro, a visão de infantilismo da criança, onde todas as suas capacidades são subestimadas.

Existe uma obsessão com o desenvolvimento da prontidão para a leitura e a escrita, considerada como atestado de inteligência, onde não se valoriza o processo, e sim o produto final, colocando-se as crianças em

situações cada vez mais artificiais, deixando-se de lado a possibilidade de deixá-las criar, explorar o mundo que a rodeia.

Cada vez mais, encontram-se Pré-Escolares onde o espaço físico e afetivo é insuficiente e inadequado, onde as relações criança x criança são desprezadas em função das relações de dominação e autoritarismo dos adultos com as crianças. Chega-se ao cúmulo de forçar um bebê a dormir, mesmo que ele não tenha sono, em nome do “comodismo” do adulto, e da “organização” das creches. A criança é desrespeitada desde suas necessidades básicas até as mais complexas.

A escola não se adapta à criança, mas é a criança que tem que se adaptar à escola, seja ela qual for!

2. Métodos

Outro aspecto dentro da Pré-Escola que devemos salientar, são os métodos que estas escolas dizem utilizar.

Fala-se em Montessori, Decroly, Pedagogia Freinet, Método Psico-genético (baseado na Teoria de Jean Piaget) e muitas outras combinações . . . sendo isso o pré-requisito básico para se considerar que uma Pré-Escola presta bom atendimento.

“Teoricamente” todas se preocupam com o conhecimento da criança, respeitando as fases do desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo. E a partir disso baseiam sua proposta na experimentação e ação concreta da criança sobre as coisas e não nas palavras do professor.

No entanto, a realidade nos mostra que a prática continua deixando muito a desejar, pois as mudanças, se é que aconteceram, foram muito superficiais, pois continuamos a desrespeitar as crianças, a não entendê-las nos seus diferentes níveis de desenvolvimento, atuando de forma prejudicial e autoritária, determinando o que e como devem fazer, ou então, caindo no erro de deixá-las à sua própria sorte, sem orientação alguma, fazendo com que se acomodem na situação em que se encontram.

É comum vermos crianças confinadas a quatro paredes de uma sala, sendo “cuidadas” por pessoas irritadas e impacientes, exigindo comportamentos que as crianças não podem ter. Ainda hoje se vê salas com crianças entre 5 e 12 meses com a professora segurando a mão de uma criança de 7 meses, para que esta pinte dentro de um retângulo, desenhando numa folha de papel.

Outro exemplo que poderíamos citar, como sendo uma prática comum das escolas é a do professor se referir a determinado aluno, na frente deste, chamando-o de “o terrível da sala” ou dizendo “deste eu já desisti . . .”

Estes são apenas alguns dados para ilustrar o que foi exposto anteriormente, ou seja, hoje, com todas as teorias e métodos que surgiram sobre o pré-escolar e com todo o modismo que o acompanha, ainda se cometem erros graves, que se revelam muito mais profundos do que parecem, e que tomam imprescindível refletirmos sobre o que realmente estamos fazendo com as crianças nas escolas Pré-Escolas. Será que o que se diz é o que realmente estamos fazendo com as crianças nas nossas Pré-Escolas? O que pretendemos afinal com a pré-escola: fazer com que as crianças passem por ela passivamente ou que encontrem nela um estímulo para se desenvolver e atuar criticamente no mundo em que vivem? Será que um planejamento contendo objetivos (geralmente do professor) procedimentos, recursos e avaliação com florzinhas no canto da folha, garantem uma prática pedagógica eficaz? O que é educar verdadeiramente uma criança? Reduzi-la ao seu próprio mundo através da permissividade e do lúdico, condená-la ao mundo do adulto via autbritarismo e trabalho forçado, ou o que é então?

(Mara Helena Patto, 1983)

A CRIANÇA

1 — *Perfil Psicológico:*

Ao tentar traçar um perfil psicológico da criança que frequenta a Pré-Escola, é necessário delimitarmos dois tipos: um das classes privilegiadas que frequentam creches e jardins da rede particular e outro das classes subalternas, frequentadoras das escolas públicas.

No primeiro grupo temos crianças com suas necessidades, em princípio, sendo atendidas, tanto do ponto de vista de saúde, nutrição, sociabilidade, afetividade e conhecimento, com estímulos materiais, ambientais e emocionais necessários a um desenvolvimento global e harmônico. São crianças com uma auto-imagem positiva: construtiva, confiante e segura, pois a criança organiza a imagem de si própria a partir das primeiras vivências, das percepções que ela tem da atenção que os outros lhe dedicam, o que dizem dela, o quanto nela acreditam, confiam e esperam.

Logo, são crianças com muitas possibilidades de se sentirem reconhecidas e estimuladas a se tomarem cada vez mais fortes. Ou seja, consideradas com um nível ótimo de desempenho, baseados nos padrões estabelecidos pela cultura dominante.

Para definir as crianças pertencentes ao segundo grupo, ou seja, oriundas das classes subalternas e frequentadoras das escolas públicas, a teoria da carência cultural tem sido a mais utilizada, sendo assimilada pelo discurso oficial.

Nesta teoria, como já sabemos, as afirmações pseudocientíficas vêm confirmar o que já existe a respeito do pobre e suas características, ou seja, que todas as dificuldades de aprendizagem, de adaptação e de atingir uma vida mais digna, são localizadas no meio cultural, uma vez que este é, via de regra, diferente da cultura dominante porque mais simples, rude, primitivo, não possibilitando o desenvolvimento das capacidades mais complexas (cognitivo, sensorio-perceptivo, verbal e sócio-emocional). Há, portanto um total desprezo por tudo aquilo que caracteriza mais profundamente a criança e sua família, além de impedir que se perceba a pobreza dentro do contexto sócio-econômico e político em que se encontra.

Essa criança, ao chegar à escola, sente-se incompreendida, desvalorizada, desacreditada, insegura . . . seus valores têm que ser abandonados imediatamente para que inicie a dolorosa caminhada em direção aos valores que lhe são impostos de cima para baixo. Via de regra, lhe é aplicado, nos primeiros dias de aula, um teste de inteligência (baseado exclusivamente no conceito de inteligência da classe dominante) e se lhe aplica o rótulo de criança com dificuldades, seja de ordem cognitiva, motora, verbal ou afetiva.

Seria bom nos perguntarmos se tanto estímulo negativo não desencadeia um processo de fracasso e destruição.

Maria Aparecida Moyses e Gerson de Lima, no trabalho "Desnutrição e Fracasso Escolar, uma relação tão simples??", publicada na revista da *Ande*, nos fazem ver o quanto nós, técnicos, professores, enfim, as pessoas que atuam na Pré-Escola, fomentamos esta visão de criança.

— "O que devemos valorizar — um resultado de teste ou a realidade, a vida de criança? São crianças que não passam numa prova de ritmo e sabem fazer batucadas. Que não têm equilíbrio e coordenação motora e andam nos muros e árvores. Que não têm discriminação auditiva e reconhecem cantos dos pássaros. Crianças que não sabem dizer os meses do ano, mas sabem a época de plantar e colher. Não conseguem aprender os

rudimentos da aritmética e, na vida, fazem compras, sabem lidar com dinheiro, são vendedoras na feira. Não têm memória e discriminação visual mas reconhecem uma árvore pelas folhas. Não têm coordenação motora com os lápis mas contróem pipas. Não têm criatividade e fazem brinquedos do nada. Crianças que não aprendem nada, mas aprendem e assimilam o conceito básico que a escola lhes transmite, o mito da ascensão social, da desigualdade de oportunidades e depois assumem toda a responsabilidade pelo seu fracasso escolar”.

2 — *Inteligência:*

Outro aspecto que devemos ressaltar ao analisarmos a criança de 0 a 6 anos é o processo pelo qual ela passa durante esse período.

Se considerarmos que a inteligência é algo que se constrói gradativamente, através da interação do indivíduo com o meio, e que essa construção passa por estágios com graus de complexidade crescente, deduziremos que, para cada estágio que a criança alcança corresponde uma série de estruturas mentais e de comportamentos específicos.

Isso nos leva a pensar que se as pré-escolas estivessem realmente preparadas para receber as crianças e trabalhar com elas a partir daquilo que elas nos apresentam (e não como se tem feito, impondo uma escola já pronta), todas as crianças poderiam construir o seu processo intelectual, podendo variar os estímulos e situações utilizadas de acordo com as experiências por elas já vividas. Caberia à pré-escola desenvolver os três níveis de inteligência que a criança apresenta no decorrer do seu desenvolvimento: sensório-motor, verbal e mental, e entender que esse processo se dá, através da reorganização das estruturas mentais da criança diante de situações problema. Segundo Piaget a inteligência é a capacidade de adaptação a situações novas. É antes de tudo compreender e inventar.

Logo, a criança incorpora o novo dado da realidade e modifica-se para adaptar-se a essa realidade. Chamamos a isso de equilíbrio majorante ou seja, o mecanismo que preside a maturação e a experiência do indivíduo com o meio físico e o meio sócio-cultural (adaptação), bem como a ordenação das estruturas umas com relação às outras (organização) (Lauro de Oliveira Lima, 1980) (11.69).

2.1. *A criança de 0 a 2 anos*

Como é então uma criança que se encontra no período sensório-motor (0 a 2 anos de idade)?

Esta é a fase da inteligência prática, assim chamada porque é isenta de qualquer tipo de representação interna. Nela, a criança através do seu aparato sensório-motor explora o mundo, objetos e pessoas que a cerca. Em lugar de palavras e de conceitos a inteligência nesse nível usa percepção e movimentos, organizados em esquemas de ação.

É nesse período, que a criança organiza o real, construindo pelo próprio funcionamento, as grandes categorias da ação que são os esquemas do objeto permanente, do espaço, do tempo e da causalidade, subestruturas das futuras noções correspondentes (Piaget, 1973). (1.19)

Ou seja, sai de um estado de total concentração, para aos poucos ir se descentralizando através da sua interação com os objetos que passam a ser permanentes e que se situam dentro de determinado tempo, espaço e estruturas causais.

Cabe à criança, nesse período, explorar ativamente os mecanismos de causa e efeito, dos movimentos, da textura e das formas dos objetos.

Cabe à escola propiciar um ambiente onde a criança possa realizar todas essas experiências, e onde ela encontre pessoas que a estimulem a atingir níveis cada vez mais complexos de aprendizagem.

Atualmente, no entanto, na maior parte das creches, o que encontramos são crianças sendo atendidas (quando o são) exclusivamente nas suas necessidades mais primárias ou seja alimentação, higiene e sono de forma completamente automatizada, sem que se note a menor preocupação com qualquer outro aspecto do seu desenvolvimento. Será que não seria mais pedagógico transformar estas atividades de rotina automatizadas em atividades lúdicas e dinâmicas, possibilitando a interação da criança com o meio e com as pessoas que dela cuidam? Não seria mais pedagógico se ao invés de deixarmos os bebês deitados nos seus berços, isolados durante horas a fio, os colocássemos em cima de colchões, no chão, junto a espelhos, brinquedos e outras crianças estimulando-as a se desenvolverem e possibilitando-nos um melhor conhecimento das suas características evolutivas?

2.2. A criança dos 2 anos aos 6 anos

Em torno do 2º ano, inicia-se um segundo período de desenvolvimento mental, prolongando-se até o 6º ou 7º aniversário. Esse período se caracteriza pelo aparecimento da função semiótica que é a capacidade de “dublar” a ação, tornando-a virtual (ação substitutiva). A função semiótica começa pela manipulação imitativa do objeto e prossegue na imitação interior ou diferida (imagem mental), na ausência do objeto. É a função semiótica que permite o pensamento, pois com ela começa o uso de símbolos representativos dos dados ambientais. Diferencia-se cada vez mais, significantes de significados. A imitação, o jogo simbólico, o desenho, as imagens mentais e a linguagem são as condutas mais significativas desse período: “A linguagem tem uma função importante na formação e no desenvolvimento do pensamento: através dela as coisas ou acontecimentos passados são evocados e os futuros antecipados. Dessa forma, ela permite ultrapassar o aqui e o agora e dá ao pensamento o poder de sobrepor-se à velocidade da ação”. (Piaget e Inhelder). (1.79).

Como podemos ver, a criança nesse período vive num mundo fantástico, onde tudo pode acontecer, pois ela é regida por sua imaginação e pelas características do pensamento simbólico e intuitivo, que compõe e interpreta o mundo que a rodeia. Seu pensamento é: irreversível (apresenta dificuldade em lidar com as operações mentais, percebe o todo e não analisa as partes); transdutivo (não tem capacidade de generalizar, justifica um fato a partir de outro fato); realista (suas soluções são ao pé da letra. Ex: o pai ficou amarrado no escritório...); animista (as coisas têm vida como ela); egocêntrico (é incapaz de se colocar no lugar do outro, é consciente de si e se considera o centro da realidade).

A escola adequada para trabalhar com crianças que se encontrem nesse nível de desenvolvimento deve antes de mais nada compreender esta fase do seu desenvolvimento e organizar situações que a estimulem a esgotar todas as possibilidades do seu pensamento simbólico e intuitivo durante este período. Mas, fazer isso, significa transformar o pré que está aí, teimando em reproduzir por antecipação a escola de 1º grau, forçando as crianças a não só realizarem atividades desinteressantes como a darem respostas que ainda não estão prontas a dar. Fazer a criança percorrer uma linha pontilhada com o lápis; preencher com lápis colorido o interior de um retângulo não lhe ajudará a adquirir novas estruturas mentais, ou seja não

lhe desenvolverá o pensamento, pois não impulsiona o mecanismo de descobrir novos meios e inventar novas soluções. Parece que não aprendemos que para cada idade a mente tem uma explicação “causal” diferente da realidade, e que tanto a explicação dos fenômenos como as atividades propostas têm que acompanhar o desenvolvimento mental da criança sob pena de ser inútil, ou provocar confusão mental.

O PROFESSOR

1. *Quem é e que formação possui:*

Para podermos caracterizar o professor do pré temos que levar em conta uma gama enorme de variáveis, pois assim como a Pré-Escola não está claramente definida em relação às suas funções e objetivos, também o profissional que nela atua está indefinido. Podemos encontrar trabalhando num mesmo estabelecimento desde meninas com idade a partir de 17 anos, sem formação específica alguma, assim como professores com formação a nível universitário ou até a nível de pós-graduação.

Esse grau de variabilidade pode ser encontrado em todos os aspectos que pretendermos analisar sobre esse profissional, a começar pelo nome que ele pode receber: pajem, recreadora, babá, monitora, atendente, professora... Ligado ao nome, podemos inferir o grau de prestígio da profissão nas diferentes instituições, manifesto a partir de alguns indicadores: - formação exigida para ocupar o cargo e desempenhar a função; — salário; — carga horária; — atividades exercidas (técnicas pedagógicas de limpeza e higiene); — indicadores simbólicos; — participação masculina (Maria Malta Campos, 1984). (4.49)

À medida em que a “moda” da pré-escola pegou no Brasil sem que se verificasse uma preocupação com a “qualidade pedagógica” da mesma, seu profissional também assim foi encarado sem a postura pedagógica que deve apresentar.

O próprio conteúdo trabalhado nos cursos de formação de professores de pré-escolar nos mostra o nível de superficialidade com que são tratados tanto a criança quanto o professor. “Existe uma preocupação excessiva com o método e técnicas utilizadas, tomando-se como certa a mudança curricular e metodológica como resposta às necessidades de atendimento e transformação da sociedade. A criança sempre é concebida a partir da idéia de natureza humana, sem que as desigualdades sociais

reais entre crianças sejam levadas em conta pelo pensamento pedagógico (Sonia Kramer e José Silvério Baia Horta, 1983) (7.30). Origina-se, daí, um profissional com uma idéia distorcida e incompleta em relação ao aluno com que atuará, e entendendo os aspectos técnicos como um fim em si mesmo, sem condições de analisar que causas e conseqüências encontram-se escondidos sob eles. As informações são apresentadas soltas, fragmentadas, dificultando a síntese, assim como o conhecimento apresentado tem pouca ou nenhuma ligação com a realidade objetiva.

2. *Papéis que desempenha:*

Um professor, para poder atuar de maneira satisfatória junto as crianças, precisa ter claro a multiplicidade de papéis que deve desempenhar.

Tentaremos a seguir explicitar aqueles que nos parecem mais importantes.

Em primeiro lugar deve ser uma pessoa capaz de estabelecer uma boa relação afetiva com as crianças (empatia), criando laços fortes para que a criança se sinta protegida e ao mesmo tempo impulsionada a crescer e a se independizar.

O chavão “gostar de criança” precisa perder o sentido piegas da palavra para ser entendido como a capacidade do adulto de interagir com a criança, de forma a ajudá-la no seu desenvolvimento físico, mental e afetivo.

Dentro da função de planejador de situações ensino-aprendizagem, o professor deve necessariamente entender que as atividades de rotina, isto é higiene (troca de fraldas, controle de esfíncteres, banho, etc.), alimentação e outras, devem ser consideradas como atividades psicopedagógicas e como tal devem ser valorizadas. Têm-se o hábito, ainda, de se considerar pedagógico apenas as situações formais, deixando-se de aproveitar os momentos de maior possibilidade de interação corporal da criança (fator esse fundamental, nesse período, uma vez que tudo parte do seu corpo). É comum ouvir-se professoras de creche dizerem que não dá para fazer planejamento porque passam o dia todo em função da troca de fraldas, comidas, sucos, banhos..., sem se darem conta de que a atividade do banho, por exemplo, (assim como todas as outras), poderia ser enriquecida com os mais variados estímulos, onde se trabalharia noções de esquema corporal, percepção espacial, temporal, linguagem, matemática, etc. de maneira informal.

Outro papel importante é o de integrador entre, família, criança e escola. Trabalhar com a criança de 0 a 6 anos, significa trabalhar passo a passo com a família, uma vez que esta exerce tantas influências. Necessita entender a problemática da mãe que deixa seu filho na creche durante, às vezes, 8 horas por dia, para trabalhar, sem que tenha elaborado esta situação, ou mesmo descobrir o elo de ligação entre atitudes das crianças em sala de aula e acontecimentos passados em casa.

Do ponto de vista da família, é importante que ela se sinta valorizada e respeitada pela escola, assim como participante do processo de escolarização de seu filho. Infelizmente, ainda vemos professores sem condições de aceitar e respeitar as famílias de suas crianças como elas são (principalmente as de baixa renda), considerando-as como devassas, promíscuas, desorganizadas e negligentes, baseadas numa imagem preconceituosa em relação aos pobres e suas características.

Fazer da escola um lugar onde a família encontre o seu espaço e lute por ele, também passa pelo trabalho do professor.

Alguns traços do papel do professor da pré-escola estão aí colocados. Sua importância é evidente. E para que ele possa atuar de maneira satisfatória é necessário que comece a ser considerado como profissional, tanto no que se refere às condições de trabalho, aos salários que recebe, situação funcional, etc. . . , para que sinta algum tipo de estímulo para se aperfeiçoar e melhorar a sua performance. Ele não pode continuar sendo esmagado pelo sistema como vem sendo; precisamos romper com este ciclo vicioso onde a idéia de desprestígio e de desvalorização acaba gerando professores insatisfeitos e defasados.

Considerações Finais:

Como podemos ver, muito há para se discutir e questionar e relação à pré-escola.

E parece que o momento é propício para isso. O que precisamos mais do que nunca é assumirmos uma postura crítica diante do que se vem fazendo no pré, e o pretende fazer. Esperamos que as colocações feitas neste trabalho sirvam de ponto de partida para refletirmos sobre a nossa atuação e que comecemos a levar mais a sério a criança que está aí, para ser atendida.

Sabemos que existem hoje, no país, 24.403.953 crianças de 0 a 6 anos (Fonte: MEC-SEPS-SUPLAN-CODEC, junho 1980) e que dessas,

apenas 5% recebe algum tipo de atendimento, incluindo-se os serviços da rede privada.

Necessário se faz apontar as incoerências e falhas, determinar desafios para desencadear a busca de possíveis soluções alternativas.

Não podemos mais nos omitir. O pré está aí, sua necessidade é inquestionável. Oxalá no final desse longo caminho cheguemos ao ponto em que os pais (e aí estão incluídos os pais de todas as classes sociais) possam exercer seu direito de escolher entre entregar o filho aos cuidados de terceiros ou compartilhar com eles, de perto, os momentos mais importantes de sua formação.

O que devemos lutar é pela humanização do homem, e isso ultrapassa as barreiras da escola. O processo de desumanização inicia dentro de uma sociedade baseada na exploração do homem e na sua coisificação.

Simone de Beauvoir já dizia: "Para que o homem permaneça um homem, seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem".
APUD (12:39)

Esse é o desafio!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PIAGET, Jean & INHELDER, B. *A psicologia da criança*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 7. ed. s.l., Difusão Editorial, 1982.
2. ABRANTES, Paulo Roberto. O pré e a parábola da pobreza. *Cadernos CEDES*, 9:8-26, 1984.
3. KRAMER, Sonia & ABRAMOVAY, Miriam. O rei está nú: um debate sobre as funções da pré-escola. *Cadernos CEDES*, 9:27-38, 1984
4. CAMPOS, Maria M. Malta et alii. Profissionais de creche. *Cadernos CEDES*, 9:39-66, 1984.
5. SARAIVA, Teresinha. Pré-escolar: urgência ou modismo. *Em Aberto*, Brasília, p. 1-7.
6. DIDONET, Vital, A pré-escola como escola. *Em Aberto*, Brasília, p. 14-25.
7. KRAMER, Sônia & HORTA, José Silvério Baia. A idéia de infância na pedagogia contemporânea. *Em Aberto*, Brasília, p. 26-35.

8. PATTO, Maria Helena Souza. Pré-escola: a criança, a família e o professor. In: A CRIANÇA e o adolescente da década de 80: aspectos psiquiátricos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983. p. 39-49.
9. MOYSÉS, Maria Aparecida S. & LIMA, Gerson Zanetta da. Desnutrição e fracasso escolar; uma relação tão simples? *Revista da Ande*, 1 (5): 57-61, 1982.
10. CAMPOS, Maria M. Assistência ao pré-escolar — uma abordagem crítica. *Cadernos de Pesquisas* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, (28): 1979.
11. LIMA, Lauro de Oliveira. *Conceitos Fundamentais de Piaget*. (vocabulário). Rio de Janeiro, MOBRAL, 1980.
12. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

RESUMEN

El artículo pretende, a partir del análisis de algunos aspectos del preescolar, plantear cuestiones para la ampliación del debate sobre este tan importante y necesario nivel de enseñanza. Destaca las tendencias y métodos utilizados en el preescolar y su rol en el contexto educacional, trata de dibujar el perfil psicológico del niño de 0 a 6 años y la evolución de su pensamiento y esboza el perfil del profesor del preescolar, quien es, a formación que tiene y los roles que desempeña.